



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



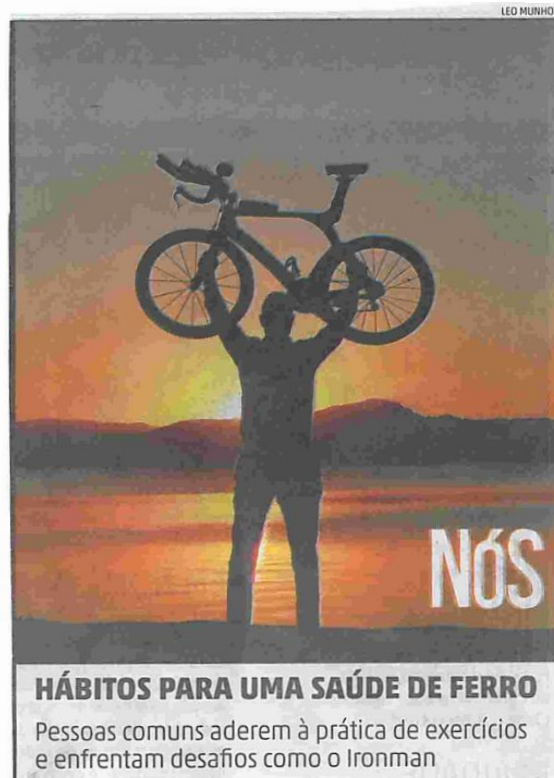
Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

26 e 27 de maio de 2018

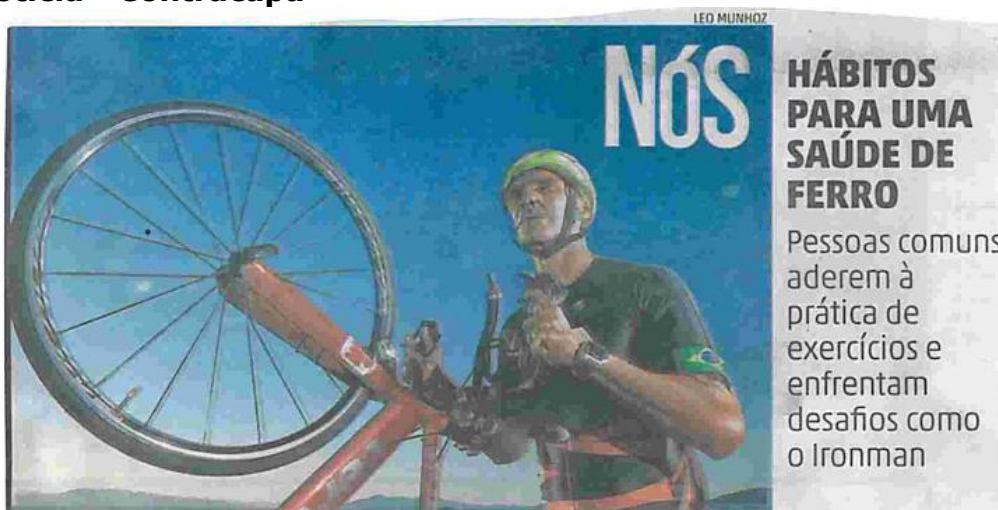
Diário Catarinense e A Notícia
Caderno Nós
"Mudar, persistir e vencer"

Mudar, persistir e vencer / Ironman / Limites / Esporte / Triatleta / UFSC /
Rebeca Cipriano / Mestre em Nutrição / Alimentação

Diário Catarinense - Contracapa



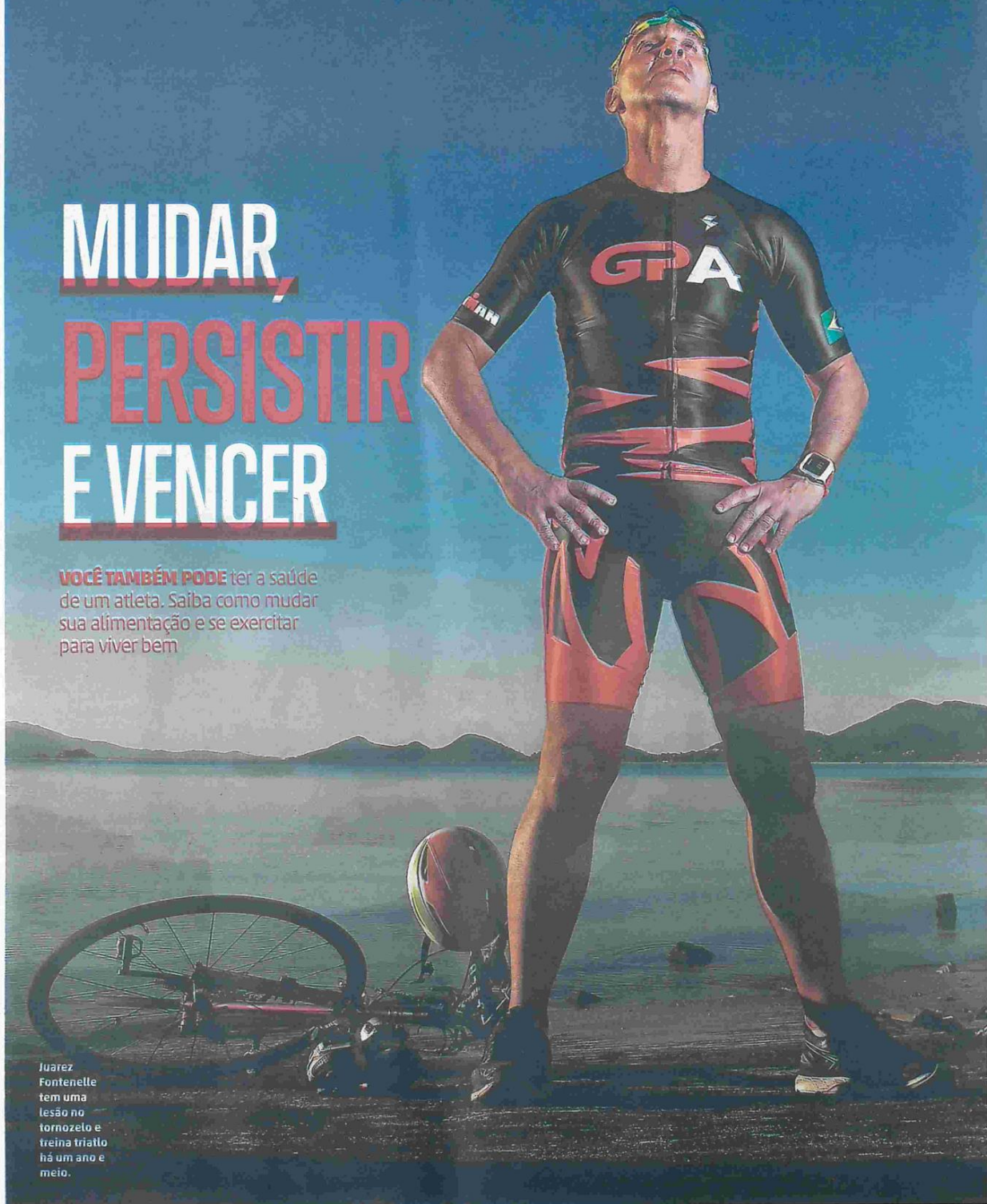
A Notícia - Contracapa



MUDAR, PERSISTIR E VENCER

VOCÊ TAMBÉM PODE ter a saúde de um atleta. Saiba como mudar sua alimentação e se exercitar para viver bem

Juarez Fontenelle tem uma lesão no tornozelo e treina triatlo há um ano e meio.



CÉSAR ROSATI

cesar.rosati@somosnsc.com.br

Não é questão de performance. Muito menos de competir, ultrapassar e vencer os principais atletas do triatlo. Tornar-se um homem de ferro do esporte vai além de tudo isso: é encarar os desafios e ter o desejo de viver intensamente. Não se trata de uma conquista qualquer. Nadar 3,8 km, pedalar 180 km e correr mais de 42 km durante dezenas de horas é uma metáfora do cotidiano e cruzar a linha de chegada é coroar a capacidade dos seres humanos de enfrentar qualquer obstáculo. Qualquer um pode se tornar um Ironman, basta dedicação, humildade e treino, muito treino. Nesta edição do Nós, você confere histórias de pessoas comuns que mudaram a alimentação e começaram a se exercitar para viver melhor e vão disputar a prova mais dura do planeta.

Como diria o ganhador do Nobel, o músico Bob Dylan, por trás de cada coisa bonita que vemos, há alguma dose de sacrifício. São meses de preparação para enfrentar uma batalha dura entre o cansaço e a persistência. É preciso ser resiliente e capaz de responder aos estímulos sem perder o olhar no objetivo a ser alcançado. A tão temida prova pode não significar nada para quem está de fora, mas para os milhares de desconhecidos é a resposta para a vida.

No domingo, 2,5 mil atletas de 44 países estarão em Jurerê Internacional, em Florianópolis, para testar seus limites e provar que nenhum obstáculo é grande o suficiente que não possa ser ultrapassado. Entre essa turma toda estão médicos, dentistas, corretores de imóveis... Gente como a gente, guerreiros e guerreiras de um mundo cheio de problemas.

Fernanda Keller, pioneira no triatlo no Brasil e uma das principais expoentes da modalidade no país, lembra que também era mais uma na multidão quando decidiu fazer seu primeiro Ironman, em 1987, no Havaí. Naquele tempo, bicicletas de carbono, tênis de última qualidade e máios de natação super eficientes eram coisa de ficção científica.

Com apenas 20 anos e sem nenhum apoio, a atleta encarou a aventura e embarcou para enfrentar o desafio. Foi um ato de coragem que acabou dando certo e mudou a vida dela que hoje nem sonha em ficar longe do esporte que lhe trouxe um grande cansaço, mas que a retribuiu com tantas alegrias.

— Tem que ser muito forte e determinado para enfrentar um dia inteiro nadando, pedalando e correndo para vencer a si mesmo e cruzar a tão sonhada linha de chegada. É uma vitória muito pessoal e do espírito. O que inspira é acreditar que tudo é possível quando nos entregamos de corpo e alma — reflete a triatleta.

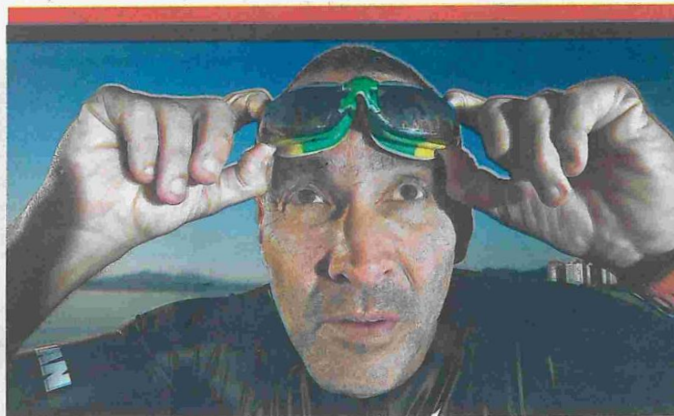
Keller vive do triatlo 24 horas por dia. Profissionalizou-se no esporte e roda o país contando sua experiência ao longo destes mais de 30 anos de carreira. Para ela, Ironman não é uma prova para pessoas com habilidade extrema, mas sim com bastante vontade e força mental.

— Os verdadeiros campeões do Ironman não são os atletas profissionais e sim os anônimos que chegam no limite para encerrar a prova após quase 17 horas correndo e no escuro — diz Keller ao lembrar que a prova geralmente termina após o sol se pôr.

Mas, o que leva alguém a se esforçar tanto assim? Quem treina para o Iron está cansado de ouvir essa pergunta, afinal quem não vive de nadar, pedalar e correr acredita que enfrentar tantas adversidades é coisa de maluco, no mínimo. A psicóloga Ana Cristina Ielo Oliveira, especializada em esporte e triatleta nas horas vagas, talvez tenha a resposta:

— O esporte imita a vida e vice-versa. O que aprendamos no esporte levamos para vida. Funciona como um desenvolvimento pessoal. Não à toa, existem vários exemplos de superação de drogas, de fobias, perda de peso, pessoas ansiosas que conseguem se controlar com a ajuda de uma rotina de treinamento — explica.

No fim das contas, trata-se de uma terapia capaz de torrar mais de 10 mil calorias além de ser um santo re-



médio, ideal para ansiedade e depressão. Mãe de dois filhos, Ana decidiu usar a profissão como estratégia para ajudar entusiastas da modalidade a disputar provas de alta intensidade. Sem esse trabalho bem feito, a possibilidade de chegar no meio da prova e desistir pode ser grande. Ela chegou até o triatlo com orientação médica para tratar uma hérnia de disco, agora auxilia outras pessoas a vencer as pedras que estão no caminho. O segredo do sucesso está nas pequenas coisas da vida.

— Segundo estudos um hábito novo demora de 21 dias até 60 dias para se instaurar na rotina. Para ser consistente o segredo é ter objetivos a longo e curto prazos. Pequenas metas ajudam bastante, além do famoso foco, que nada mais é que dizer não a tudo que não é seu objetivo naquele momento — orienta.

SEM DINHEIRO NO BOLSO MAS POUCO IMPORTA

É comum buscar a solução de problemas do cotidiano no esporte, principalmente no triatlo. Completar o Ironman é quase como obter um certificado de superação na vida, seja para superar problemas psicológicos ou físicos.

Não pense você, que está sentado em casa lendo este texto, que o dinheiro pode ser uma barreira para começar a treinar, já que muitos acreditam que a falta de recurso é empecilho para você sair do sedentarismo.

Não foi assim com Juninho. A falta de verba nunca superou a vontade dele para disputar o seu primeiro Ironman. Paulista de São Pedro, Luiz Carlos Pissinato Junior veio de carro do interior de São Paulo para realizar o sonho na Ilha da Magia. Demorou quase um Ironman inteiro (13 horas) para chegar na Capital. A greve de caminhoneiros que fechou diversas estradas do país atrasou sua viagem e por isso ele perdeu o treino oficial de natação, que ocorreu na quinta-feira pela manhã. No entanto, os obstáculos não estragaram sua euforia.

Aos 34 anos, Juninho já começou vencendo. De família humilde, o atleta amador veio com a mãe e se desdobrou o máximo para juntar dinheiro e conseguir disputar a competição que faz ele perder o sono de tanta ansiedade.

— Conheci o triatlo quando a modalidade foi incorporada na Olimpíada de Sydney, em 2000. Na época meu pai comprou uma bicicleta velha para que eu conseguisse treinar. Mas, nunca levei a sério — conta o atleta que ainda complementa a história falando sobre o tempo que abandonou os esportes e chegou a pesar 107 kg sem mover uma agulha para sair desta situação.

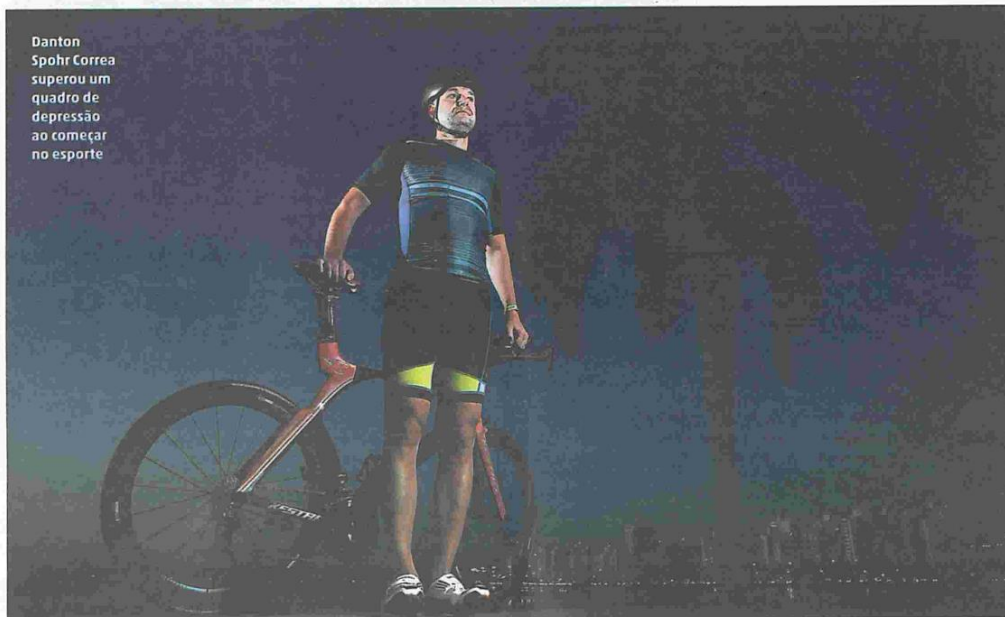
O triatlo só voltou para sua vida, em 2015 quando uma antiga namorada terminou com ele. Seu palpito foi que o fim do relacionamento aconteceu pois ele estava "gordinho". Isso foi o estopim para voltar aos treinamentos.

— Na época morava em Florianópolis e trabalhava de barman. Diversas vezes fui treinar depois de uma noite inteira de trabalho. Muitos amigos me ajudaram a realizar esse sonho, pois dinheiro sempre faltou — lembra Juninho, que hoje é recreador em um hotel no interior paulista.

“

**OS VERDADEIROS
CAMPEÕES DO
IRONMAN NÃO
SÃO OS ATLETAS
PROFISSIONAIS
E SIM OS ANÔNIMOS
QUE CHEGAM
NO LIMITE PARA
ENCERRAR A PROVA
APÓS QUASE
17 HORAS**

FERNANDA KELLER
multicampeã de triatlo



Danton Spohr Correa superou um quadro de depressão ao começar no esporte

De lá pra cá, a situação financeira não melhorou. Tanto é que o atleta tem dificuldade para pagar uma orientação completa para ajudá-lo a treinar. Até mesmo a inscrição na competição foi custeada por um amigo.

– Quem me ajudou a pagar a inscrição do Ironman foi um hóspede do hotel que eu trabalho. Não tenho condição de ter uma nutricionista. Como arroz, feijão e ovo que minha mãe prepara. Como tanto ovo, que tem até umas duas granjas me seguindo no Instagram – brinca.

Esse ponto é muito delicado na preparação dos atletas que querem disputar o Ironman: a alimentação. Na verdade, esse ensinamento vale para nosso dia a dia. Manter-se bem alimentado é crucial, seja para ter uma vida de atleta de triatlo, ou para viver sem sustos. Ter uma nutricionista acompanhando pode fazer a diferença na hora da competição e na hora de largar a vida sedentária.

Mesmo quem não tem condição financeira para fazer esse acompanhamento pode chegar ao Ironman em ótima forma, como conta Rebeca Cipriano, mestre em Nutrição pela UFSC e que atende diversos atletas do triatlo. E para isso não é necessário gastar um fortuna.

– O Ironman nos mostra que uma boa alimentação é simples e barata. Todos deveriam se alimentar como um atleta que tem como sonho competir nesta prova. Comendo comida de verdade e nada de alimentos ultraprocessados e industrializados. Sempre o mais natural possível. Para isso é preciso disciplina e organização.

A DOR SEMPRE FEZ PARTE DA MINHA VIDA

Desde pequeno Juarez Fontenelle foi vidrado em esporte. Faixa preta em karatê, ele rodou o Brasil competindo. Filho de militar, soube sempre que praticar e competir, mesmo que seja contra ele mesmo, podem trazer uma qualidade de vida sem precedentes.

Entretanto, o esporte de alto rendimento é cruel. Lutando karatê, Juarez teve uma lesão séria no tornozelo que o afastou das competições. O joelho também sofreu com os anos de luta e ambas as lesões fazem ele mancar e sofrer com dor diariamente. A dificuldade é visível. Ele manca até em pequenas caminhadas, uma vez que seu tornozelo não consegue dobrar o suficiente para ter um passo tranquilo.

Aí você pode pensar: essa cara abandonou o esporte e vive em casa. Ledo engano, meu caro leitor. Quem vê o ex-carateca andar não imagina que no domingo ele vai disputar seu primeiro Ironman.

Mesmo lesionado, Juarez mostrou porque essa é uma prova feita por atletas resilientes e o exemplo dele serve de inspiração para todos nós.

Começou na natação. Como sentia muita dor para correr decidiu que nadar forçaria menos seu corpo. Se empolgou e começou a fazer maratonas aquáticas.

Foi ao ver uma largada do Ironman em 2007 que o sonho de se tornar um homem de ferro começou a fazer sentido. Colocou na cabeça que iria disputar uma prova como essa. Ele só não sabia quando.

Adiou por diversas vezes a estreia na competição até que há um ano e meio decidiu encarar o desafio após receber o aval da esposa, que o incentivou a vencer mais esse desafio. Procurou ajuda profissional e fez uma bateria de exames que constataram que ele estava apto para competir, mas ao “seu ritmo”.

– Eu convivo com dor diariamente. Existem tantos problemas mais graves que eu acabo superando mentalmente isso. Vejo pessoas com a minha idade (54 anos) com dor de velho. Eu tenho uma história para cada lesão, eles não. Nunca deixei de fazer nada por conta da dor. As compensações que eu tenho superam qualquer dor. Vale a pena. Eu gosto de me desafiar – afirma.

Fontenelle podia muito bem parar com o esporte logo que se lesionou. Mas, a opção pelo triatlo para se manter em forma faz sentido até mesmo cientificamente – e você aí achando que aquela preguiça era desculpa suficiente para se manter deitado em berço esplêndido. Segundo o quiropraxista Eder Teixeira Nunes, que trabalha no recondicionamento muscular de pessoas que praticam este esporte, o triatlo força o corpo ao limite, mas exige de músculos específicos ao nadar, andar de bicicleta e correr. De maneira didática, ele explica:

– No triatlo você trabalha a musculatura de uma maneira mais global e ampla. Como se uma modalidade ajudasse na recuperação da outra. Em caso de lesão na corrida, é possível, em alguns casos, continuar nadando ou andando de bicicleta. Essa é a vantagem do esporte – diz o especialista.

“

SEREI O PRIMEIRO ATLETA MANCO A COMPLETAR UM IRONMAN. COMO O CHORÃO DIZIA PRA QUEM TEM PENSAMENTO FORTE, O IMPOSSÍVEL É SÓ QUESTÃO DE OPINIÃO. ADORO ESSA MÚSICA.

JUAREZ FONTENELLE,
corretor de imóveis que disputará seu primeiro Ironman

Brincando com suas lesões Juarez crava:
- Serei o primeiro atleta manco a completar um Ironman. Como o Chorão dizia: para quem tem pensamento forte, o impossível é só questão de opinião.

ATLETA QUE SALVA VIDAS DIA APÓS DIA

Dores nas costas e nas pernas fazem parte da rotina de uma vida acelerada. Um médico cirurgião, por exemplo passa horas no centro cirúrgico, sob tensão. O trabalho puxado e atenção extrema exigem uma adaptação do corpo que precisa estar preparado como um atleta. A situação pode se agravar quando se passa até seis horas de pé sem descanso dentro de um hospital com sangue nas mãos concentrado para salvar vidas.

A rotina do médico Danton Spohr Correa é essa, mas com um agravante: ele trabalha principalmente com pacientes que buscam a cura do câncer. Como cirurgião oncológico, a vida e a morte passam pelas mãos dele e o estresse no momento do trabalho é tão grande que a busca por uma válvula de escape é uma obrigação.

Correa sentiu na pele os estragos de uma rotina intensa. Fora do peso e hipertenso, ele foi diagnosticado com depressão no período que estudava em São Paulo. Precisou tomar remédios e uma importante decisão: sair do sedentarismo e buscar no esporte um subterfúgio.

Na época, ele conta, praticar alguma modalidade parecia ser algo muito difícil de encaixar na loucura do dia a dia. Optou pela corrida. Começou de leve como forma de condicionamento para vencer a luta entre corpo e mente.

Separou três dias por semana com treinos que duravam entre 30 e 40 minutos. Tempo razoável para todos nós, não? Largou a vida em São Paulo e voltou para Florianópolis, cidade onde cresceu. Na Capital decidiu que havia "pegado gosto" pela corrida.

Começou a competir, mas o esforço acabou lesionan-

do seu joelho às vésperas da maratona de Nova York, sua primeira prova de longa distância.

- Para não ficar parado, o meu treinador pediu para eu começar a nadar. Logo na sequência ele me sugeriu bicicleta e assim entrei no triatlo. Uma lesão de corrida me levou para um novo esporte - lembra o médico.

Correa começou a intensificar os treinamentos e levar a história de nadar, pedalar e correr tão a sério que este ano o cirurgião oncológico completará sua décima participação no Ironman, prova que ele classifica como sendo uma luta interna de superação cujo objetivo é cruzar a linha de chegada e não vencer os demais oponentes.

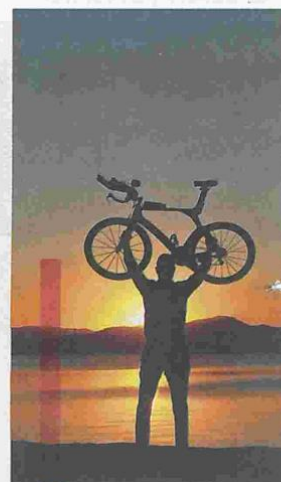
A principal lição que a prova ensinou para ele foi a humildade, pois durante a competição nem sempre os melhores preparados encontram vida tranquila. De acordo com o médico atleta, a imprevisibilidade é algo que ensina bastante a viver. Quebra de equipamento, lesões durante o percurso ou problemas alimentares podem comprometer meses de treinamento. Saber contornar esses obstáculos é algo que fortalece os atletas.

- Para mim Ironman é uma metáfora da vida. Na primeira prova, minha esposa e meu filho foram. Foi uma prova família e eu só consegui completar, pois eles me deram todo o apoio para isso - se recorda emocionado o médico, que ainda lembra os benefícios do esporte para o cotidiano profissional.

- Sempre que há um dia ruim saio para treinar e volto com a mente mais tranquila com condições melhores para resolver os problemas. Sem contar que o esporte me trouxe condicionamento para aguentar as cirurgias.

Mesmo com 47 anos, uma coisa já preocupa o médico triatleta: o dia de parar. Uma hora o corpo poderá impossibilitá-lo de treinar, mas quando isso deve acontecer ele não sabe dizer:

- Espero ter 80 anos com disposição para correr mais um Ironman. Tem gente que faz, por que não posso chegar lá?



“

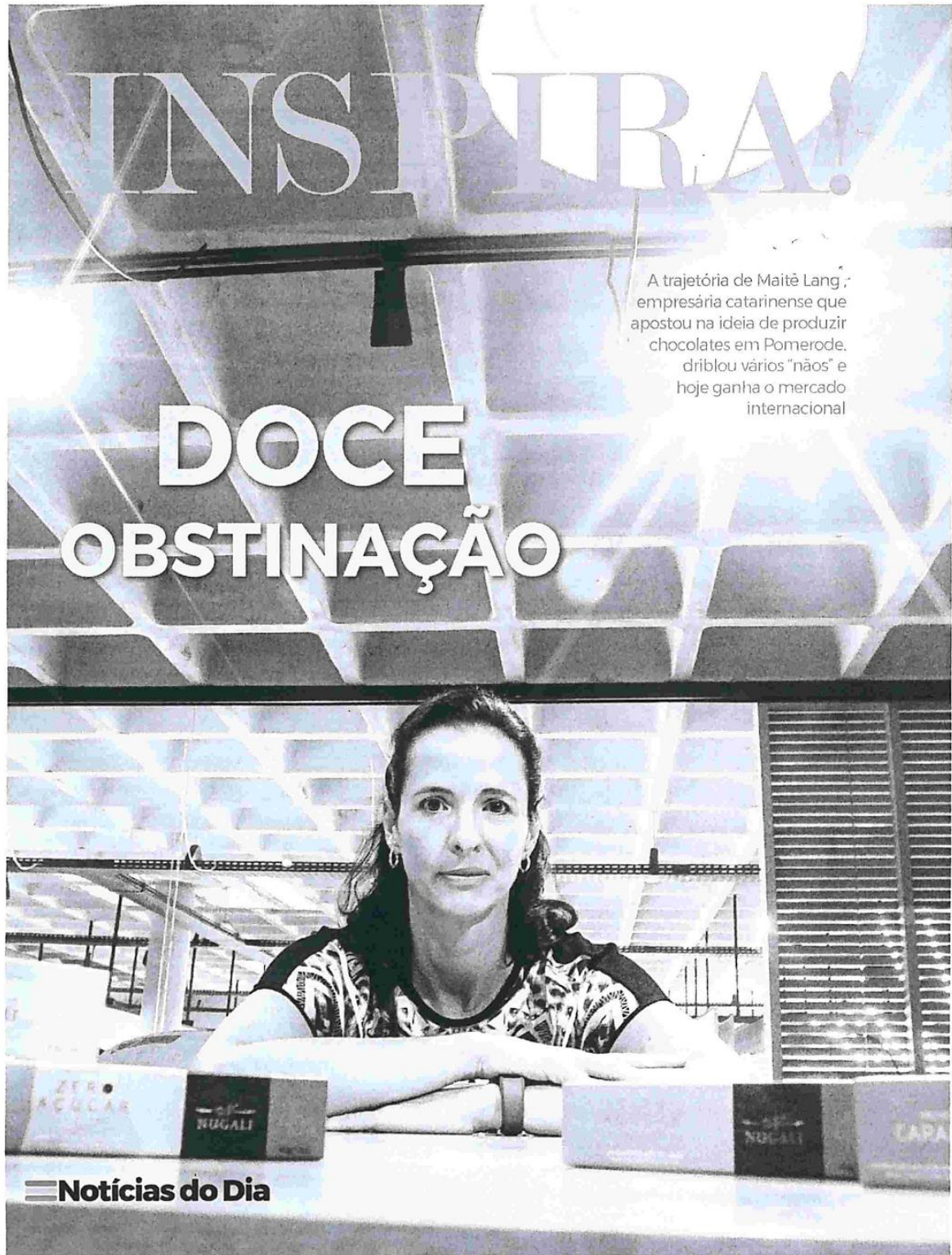
PARA MIM IRONMAN É UMA METÁFORA DA VIDA. ESPERO TER 80 ANOS COM DISPOSIÇÃO PARA COMPETIR.

DANTON SPOHR CORREA,
médico cirurgião oncológico

**Notícias do Dia
Inspira**

“Quando o ‘não’ leva a grandes transformações”

Quando o ‘não’ leva a grandes transformações / Nugali / Maitê Lang /
Chocolates / Pomerode / Engenharia de Produção / UFSC / Universidade
Federal de Santa Catarina / Empreendedora



JANINE ALVES

janine.alves@noticiasdodia.com.br

Não ouse dizer para Maitê Lang frases como 'não dá para fazer', 'não pode ser feito' ou 'isso é impossível'. Essas sentenças são mágicas para que ela defina metas e derrube cada obstáculo que vier pela frente. Foi desse jeito que Maitê mudou o planejamento da carreira, mas nem tanto. Engenheira por formação nascida em Pomerode, apaixonada por processos produtivos, ela trabalhou em empresas de consultoria, na Embraer em São Paulo e na Audi do Paraná, mas em suas viagens constantes descobriu que produzir chocolates poderia ser um bom negócio por aqui. Os pedidos frequentes de parentes e amigos para trazer os doces europeus despertaram o interesse para fabricar o produto com a mesma qualidade dos importados. Eis que alguém disse 'não dá para fazer', e ela foi lá e fez. Construiu a fábrica em sua cidade, estudou processos produtivos, o mercado, as variedades e escolheu a dedo fornecedores de cacau, além de colaboradores, e produz chocolates que estão entre os melhores - tanto que receberam prêmios internacionais.

A Nugali conta com 800 pontos de venda em 226 cidades de 18 Estados brasileiros, exporta chocolates para países como Japão, Peru, EUA, Emirados Árabes e França e está prestes a inaugurar uma fábrica que vai dobrar a capacidade de produção.

COMO VOCÊ ENTROU NO CAMPO DA ENGENHARIA DE PRODUÇÃO?

A minha família é toda de empreendedores. Somos de diferentes ramos da indústria - madeira, gráfica, plástico - e cresci nesse meio. Gosto de produção. Adoro ver os caminhões fazendo barulho e levando os produtos embora. Dai veio a opção pela engenharia de produção. Acho que quando a gente quer fazer alguma coisa da vida, a gente faz. Se precisasse trabalhar com serviços eu também trabalharia, mas não me daria tanto prazer. Estudei em escola particular, mas meu pai disse que a universidade teria que ser pública ou eu teria que trabalhar para pagar. E tive mais esta motivação. Foi quando vim para Florianópolis estudar engenharia de produção na UFSC. Trabalhei em grupo de pesquisa, recebia bolsa e dava aula de física, matemática e inglês para adolescentes que estavam em segunda época naquele calorão de janeiro.

COMO SURTIU A INSPIRAÇÃO PARA SE TORNAR EMPREENDEDORA?

Quando terminei a faculdade meu pai me perguntou quanto dinheiro eu tinha. No dinheiro de hoje eu teria R\$ 500, e ele disse: "Eu completo os outros R\$ 500 e você abre uma carocinha de cachorro quente para ter o seu próprio negócio". Pareceu tentador, metade do investimento dele e outra metade do investimento meu, mas eu disse não. Arrumei uma vaga de estágio na Andersen Consulting (hoje Accenture), primeiro para aprender alguma coisa a mais. Eram 60 jovens por vaga e eu fui seis vezes para São Paulo de ônibus normal para fazer as entrevistas. Pedi para o meu pai uma ajudinha para pegar pelo menos o ônibus



Quando o 'não' leva grandes transform

MAITÊ LANG, FUNDADORA DA NUGALI, FÁBRICA DE CHOCOLATES DE POMERODE, FAZ DOS OBSTÁCULOS A MOTIVAÇÃO PARA EMPREENDER - E SURPREENDER



DANIEL QUEIROZANO

“

Tem uma característica que me acompanha. A gente vai mudando durante a vida, mas algumas características básicas não mudam. E a minha característica é obstinação. Eu imagino uma coisa, eu sonho e vou atrás.”

executivo e ele disse: “A minha proposta é completar o seu dinheiro para você fazer o seu negócio de cachorro quente”. “Então está bom”, eu disse a ele, “vou de ônibus normal”. Fiz as entrevistas e a moça perguntou se eu era do ITA ou da USP e eu disse: “Não, sou da Universidade Federal de Santa Catarina”. Ela disse que eles não aceitavam, mas insisti: “isso porque você não viu o meu currículo”. Eu não tinha grande coisa, mas disse que iria conversar com ela. “Vou te dar outra visão do negócio”. Eu insisti tanto que acho que fui a primeira estagiária que não era da USP ou do ITA. De lá fui para a Audi quando eles trouxeram a planta. Ai descobri uma coisa importante: eu gosto de coisa nova, que está começando. E essa vontade de ser empreendedora estava no sangue, estava ali, mas ficou guardada.

E COMO VOCÊ CHEGOU À RECEITA DE SUCESSO DESSES CHOCOLATES DE QUALIDADE E QUE ESTÃO CLASSIFICADOS ENTRE OS MELHORES DO MUNDO?

Antes quem fazia chocolate comprava o cacau já esmagado dos grandes transformadores. A maioria das empresas ainda faz isso, mas como somos chatos com a qualidade, querendo um negócio diferente, abri a fábrica em 2004 e fui para a Bahia no ano seguinte. Lá conheci o meu parceiro até hoje, João Tavares, que estava trabalhando com o cacau gourmet. Um cacau melhor, de aroma, uma produção que preserva a mata nativa. Um cacau que dá muito trabalho para plantar, cuidar, colher, secar e fermentar – e ninguém quer pagar a mais por isso. Então eu disse para o João: “Vamos juntos nisso, eu te pago 100% de prêmio (porque cacau é preço de Bolsa) e vamos desenvolver juntos o cacau para fazer um bom chocolate”. Começamos um processo inovador, parceiro. Depois fomos para o Pará e começamos a trabalhar com o pessoal das cooperativas, um balaio de gato de qualidade de cacau. Fomos então para a Transamazônica, visitamos produtor por produtor, saca por saca identificada. Ajustamos a fermentação e pagamos bem por isso, mas comprando diretamente dos produtores com uma troca de conhecimento muito grande – isso tem um impacto econômico e social bem relevante.

Lembrando que eu disse que queria fazer um chocolate 100% brasileiro, e aí disseram que não dava, mas como não? São ingredientes caros, logística complexa, mas a troca de conhecimento ajudou em todo o processo.

HOUE SUORTE PARA UM NEGÓCIO LOCAL TÃO DIFERENCIADO?

Tem um monte de gente que nos ajuda. O Selbrae foi um divisor de águas com a criação das novas embalagens para o nosso produto. Mas muitas informações estão espalhadas, o que não pode é ter medo. A Fiesc está sempre de portas abertas. Você vai ao Centro de Negócios Internacionais e eles estão sempre prontos para auxiliar. Aqui em Santa Catarina nos somos privilegiados. Você vai atrás e tem gente para ajudar.

QUAIS SÃO OS PRÓXIMOS DESAFIOS?

Eu vendo o produto diretamente, tenho o meu vendedor interno e a terceirização do frete. É uma visão diferente. Hoje a gente se prepara para atender o ponto de vendas multimarcas. O produto, a variedade, a embalagem, o preço, tudo é para ocupar esse nicho. E o grande desafio é pensar a cadeia produtiva como um todo. No que você faz pelas pessoas que trabalham contigo, no impacto que você gera na sua micro comunidade por intermédio dessas pessoas e suas famílias. No que você faz para o consumidor final e o ponto de venda que são os nossos clientes. No que você pode proporcionar de diferente e, principalmente, pensar em tudo o que vem antes a compra direta do produtor e o respeito ao meio ambiente. Não vejo futuro para empresas que não enxergam isso como um todo.

DEU, SIM!

A entrevista terminou com Maitê Lang falando sobre um importante projeto que teve o start com uma das frases mágicas. Em visita a uma fazenda no Nordeste, ela pediu as sementes de cacau para plantar no quintal em Pomerode e mais uma vez ouviu um “não dá”. Então ela trouxe as sementes, seguiu cada uma das etapas e acompanha feliz o crescimento das mudas. Agora é esperar as plantas crescerem, a inauguração da fábrica e a chegada das crianças e suas escolas para conhecerem de perto o processo produtivo do chocolate e os pés de cacau.

Maitê Lang é apaixonada pela produção e pela disposição de afrontar todos os desafios

a
ações

Notícias do Dia Torcida ND "Figurinha carimbada"

Figurinha carimbada / Rússia / Copa do Mundo / Professor / Departamento de Economia e Relações Internacionais / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Fred Leite Siqueira Campos



Editor: **DIOGO MAÇANEIRO** diogomasaneiro@noticiasodia.com.br

12.

Figurinha CARIMBADA

Professor da UFSC ostenta acervo valioso de artigos relacionados à Rússia

DIOGO DE SOUZA
diogo.rodrigues@noticiasodia.com.br

A pouco menos de 20 dias para começar a Copa do Mundo da Rússia, a conexão entre o Brasil e o país-sede vai se estreitando cada vez mais. Isso, em tese, para os mais fanáticos pelo evento e ansiosos pelo desempenho canarinho. Mas para o professor da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) Fred Leite Siqueira Campos, 47 anos, em particular, essa relação já existe há muito tempo. O professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais da universidade rasga elogios ao maior país do planeta e resalta uma série de semelhanças entre brasileiros e russos.

Esqueça, por um momento, a barreira Imaginária – e financeira – que naturalmente separa os países desenvolvidos dos subdesenvolvidos. A partir disso é possível descrever a Rússia com características que os próprios brasileiros são acostumados a adotar: população que gira nos 200 milhões; país que conta com a maior floresta do mundo em extensão (formada por pinheiros); ostenta uma das maiores reservas de água do planeta e ocupa uma área de terra com dimensões "continentais".

Tudo isso despertou a atenção do professor Fred, natural de João Pessoa (PB), morador de Florianópolis há quatro anos. Fred conta que todo o interesse surgiu da maneira mais infantil quando, aos 7 anos, foi presenteado pelo pai com um atlas: "Ao abrir aquele livro bem no meio, me deparei com o mapa da Rússia, 'que país enorme!'. Pronto, despertou", lembrou o professor que é casado e pai de dois filhos gêmeos, o Vladimir e a Lygia – ambos em homenagem aos russos.

A partir daí, ele conta que passou a procurar e estudar o idioma, a literatura e a cultura onde se deleita ao enumerar virtudes de um país que define como "extraordinário" em todas suas frentes. "Acho bonito o idioma, a cultura, descobri que é um País não só grande no sentido geográfico mas um país que trouxe muitas pessoas importantes para o mundo. A tabela periódica, por exemplo, quem inventou foi um russo; o primeiro homem a ir para o espaço foi um russo; a projeção de cálculos para fazer viagens internacionais foi um físico russo", elencou. Curiosamente, Fred nunca colocou os pés no território do país que tanto ama.



Notas antigas de rublo e, acima, uma comemorativa aos Jogos de Soshi

Professor Fred também coordena grupo de pesquisa sobre o país



Selos com os ídolos do futebol russo são peças muito raras

Paixão dividida entre família e futebol

Fred, um colecionador nato, encontrou uma maneira de unir uma de suas paixões em centenas de milhares de figurinhas distribuídas em álbuns de futebol que vão da Copa do Mundo até o Campeonato Brasileiro. "Eu tenho poucas paixões na minha vida: esposa, filhos, a Rússia e o Botafogo-RJ", revelou.

No âmbito futebolístico, Fred tem o álbum da Copa da Rússia quase completo, além de cards e outras homenagens da empresa responsável pelas famigeradas figurinhas que, em geral, viram febre de quatro em quatro anos.

Copas passadas encaderna-

das e completas estão lado a lado na estante, que dividem o espaço com várias edições das do Campeonato Brasileiro: "Estou ansioso pelo álbum desse ano". Entre as raridades no mundo da bola, ele possui uma cartela de selos em homenagem às lendas russas do futebol, entre elas, o goleiro Lev Yashin, considerado o melhor de todos os tempos na sua posição por lá. Questionado sobre um eventual encontro entre Brasil e Rússia nessa Copa, o professor garante: "Eu vou torcer, vou torcer para que não aconteça", gargalhou.



FOTOS: MARCO SANTACROCE

A maior do Brasil



Eu tenho poucas paixões na minha vida: esposa, filhos, a Rússia e o Botafogo-RJ."

Fred Campos, professor, pesquisador e colecionador

A partir do imediato interesse por aquele "país grande", surgiu paralelamente, a possibilidade de juntar objetos e quaisquer outros símbolos que fizessem referência à Rússia. Foi o início da caminhada de um colecionador profissional.

Ao receber a reportagem do ND, Fred, juntamente com a esposa Beatriz de Azevedo Siqueira Campos que também é professora, expôs um acervo repleto de símbolos e menções em branco, azul e vermelho.

Dentre tantas referências, a preferida, no entanto, está na coleção de selos. Fred garante ser o maior colecionador de selos russos do País. "Se existe alguém com a coleção maior que a minha, desconheço. Tenho selos de 50 mil Euros. Tenho selos de ouro certificados de autenticidade. Selo que consegui, há muitos anos. Enfim, é uma coleção bastante ampla", orgulha-se de objetos que são separados e encadernados em ordem, data, modelo e homenagem.

Fred contou ainda que todo manuseio dos selos é feito por intermédio de ferramentas como uma pinça de modo a garantir e a zelar pelas imagens que refere como "obras de arte".

Outra coleção do professor diz respeito às cédulas do rublo, moeda corrente do País em que ele guarda exemplares e valores ainda do século 19. Ele guarda em casa uma nota de 100 rublos - equivalente a R\$5,88 - em homenagem aos Jogos Olímpicos de Inverno de Soshi, em 2014. Recentemente o governo do país lançou a mesma cédula alusiva à Copa.

O Mundial também é homenageado, já que, segundo garante, os selos em homenagem à Copa começam a ser emitidos desde o momento em que o país-sede é definido pela FIFA - na ocasião russa, em dezembro de 2010.

Miniatura de um caça russo também é guardado pelo colecionador



Notícias do Dia Memória "A UFSC e seu maio conturbado"

A UFSC e seu maio conturbado / Estudantes / Reitoria / UFSC /
Universidade Federal de Santa Catarina / Greve geral / Maio 1968 /
Comissão da Verdade e Memória / Relatório / João David Ferreira Lima /
José Carlos Daux / Moradia estudantil / Conselho Universitário / Marli Auras
/ DCE / Diretório Central dos Estudantes / UNE / MEC-Usaid / Henrique
Stodieck

14/15.Memória NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 26 E 27 DE MAIO DE 2018

A UFSC e seu maio conturbado

Estudantes de Florianópolis confrontaram a reitoria e foram às ruas no mês de maio de 1968

LUARALOTH
Especial para o Notícias do Dia

Há 50 anos, em 29 de maio de 1968, os estudantes da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) convocaram a primeira greve geral da história da instituição, fundada em 1960. A paralisação, considerada vitoriosa, terminou após 11 dias. Como em outras manifestações organizadas pela Juventude no "ano que não terminou", como o jornalista Zuenir Ventura eternizou em 1968, a encenação de funerais de símbolos da "velha sociedade" gravou-se na memória.

A esses funerais os estudantes não mandaram flores em maio de 1968. Poucas semanas antes, em 28 de março, o assassinato do estudante Edson Luis, no Rio de Janeiro, causou comoção e levou dezenas de milhares de pessoas indignadas ao funeral. O crime de Estado repercutiu no país todo. Florianópolis não ficaria de fora. Após uma noite em claro produzindo panfletos, e apesar da chuva, os estudantes saíram às ruas, formando um mosaico de guarda-chuvas.

Havia algo no ar, uma energia extraordinária, como sentiu o então estudante de Economia Célio Espíndola. Não só de utopia viviam os jovens. A materialidade que inspirou as revoltas era muito sólida: os protestos e boicotes contra a guerra no Vietnã, o movimento negro por direitos civis nos Estados Unidos e as lutas pelas independências das colônias. Novas referências revolucionárias também apaixonavam os jovens, em parte decepcionados com os rumos da União Soviética.

Em Paris, a mobilização, caracterizada pela espontaneidade quase imprevisível, mesmo depois da adesão dos operários, desmanchou-se no ar com a continuidade do general Charles de Gaulle no poder. Nos jornais mais vendidos na capital catarinense, como "O Estado" e "A Gazeta", os editoriais sobre as rebeliões na França e as análises das reivindicações estudantis na UFSC dividiam espaço.

Florianópolis teve também o seu maio, não desmentindo todos os outros protagonizados pelos colegas estudantes em várias partes do mundo. Aqui, como no levante contra o fechamento do restaurante Calabouço no Rio, o estopim foi um conflito inegavelmente concreto, resgatado pela Comissão da Verdade e Memória da UFSC, que apresentou seu relatório no dia 14 deste mês.

Em maio de 1968, os estudantes descobriram que o então reitor da UFSC, João David Ferreira Lima, havia assinado um convênio com o empresário José Carlos Daux, que estipulava o pagamento de 9900 Cruzeiros Novos (o valor atualizado é R\$ 830,82, usando como referência o IGP-DI da FGV) por cada vaga na moradia estudantil, ocupada ou não.

A reitoria repassava um valor equivalente a 77% do salário mínimo nacional da época ao grupo Daux, mesmo que o preço corrente nas pensões e repúblicas fosse de NCr\$ 30,00. Como os estudantes pagavam NCr\$ 30,00 de mensalidade à reitoria, o empresário levava mais NCr\$ 69,00, como registram os atas do Conselho Universitário e os depoimentos de quem participou do movimento. ●

1968

e seus conflitos e perseguições
foram objeto de levantamento da
Comissão da Verdade e Memória, que
apresentou seu relatório este mês



Heltor Bittencourt, presidente do DCE, discursando numa das manifestações estudantis de maio de 1968

Conflito ocupou a imprensa da Ilha

■ "Daux – o 'lo Patinhas' de Florianópolis, graças à Reitoria"; "Daux – o afilhado nº 1 do Reitor"; "30,00 dos estudantes + 69,00 da Reitoria / Daux paquerando de Gallaxie (Ford)", denunciavam e troçavam os estudantes em seus cartazes nas passeatas. A historiadora Marli Auras, autora do capítulo do relatório da Comissão da Verdade que conta esse episódio, comenta a relação de vantagens e privilégios entre a administração central e a elite local: "No caso da nossa universidade em seus primórdios, foi escancarada". O primeiro reitor da Universidade, João David Ferreira Lima, é homenageado no nome do campus da Trindade.

O reitor chegou a baixar o preço da mensalidade paga pelos estudantes, o que não arrefeceu os ânimos. Nos primeiros dias de maio (edição do dia 4), o jornal "O Estado" publicou que a reitoria ameaçava os inadimplentes: "vai arrolar todos os moradores das casas de estudantes em dívida pública para com a União, impedindo-os de receber o respectivo diploma ao final de seus cursos".

O conflito ganhou espaço nobre nos jornais da época. Tornou-se o assunto mais comentado da cidade por semanas. O DCE (Diretório Central dos Estudantes), a reitoria, as moradias e até a casa do reitor eram localizados no centro, por isso as passeatas percorriam as ruas centrais e os QG's do movimento eram instalados

nos locais de maior movimento. Havia casas nas ruas Esteves Junior, Alan Kardec, Almirante Lamego, entre elas o LUSC, o Planalto, o hotel Mário e o Paraíso. Sobre essa última, o colonista J. Carlos Bittencourt, do jornal "A Gazeta", tirou sarro: "Só se paraísos de beliches, traças e criados-mudos".

Nos dias mais decisivos, alto-falantes foram instalados nas ruas da cidade e chegaram a funcionar ininterruptamente por 12 horas. Era clara a intenção de se aproximar da população o máximo possível. A UNE era clandestina desde 1964 e havia intervenção nos sindicatos, condição que dificultava a mobilização.

A rescisão do contrato reitor-Daux, como ficou conhecido o caso, era uma das reivindicações da primeira greve geral estudantil da UFSC, na qual os protagonistas foram os estudantes de Medicina, fortemente prejudicados pela política de retenção de verbas do Ministério da Educação. As verbas para o primeiro semestre de 1968 ainda não haviam sido liberadas em maio. Mesmo submetido à censura prévia, o trote daquele semestre tinha a crise como mote.



Jornais registraram os protestos dos estudantes da Capital

Estudantes contavam com apoio popular e político

■ Durante a greve, os futuros doutores montaram uma tenda para recolher assinaturas e enviar telegramas a Costa e Silva. Segundo Heitor Bittencourt Filho, 71 anos, presidente do DCE na época: "A população era simpática ao movimento. Havia uma insatisfação generalizada em relação à ditadura".

O então estudante de Economia conta que foi protegido da repressão por civis anônimos e deputados do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), como Eugênio Doin Vieira. Lembra que sua família não o condenava pelo envolvimento na resistência: "Para eles era natural. A polícia vinha, batia na porta, queimava meus livros. Até o AI-5, não se falava em tortura".

As mobilizações, concentradas na região central da cidade, foram deslocadas para o campus da Trindade no dia da inauguração do edifício do Instituto de Antropologia da UFSC, em 29 de maio. Para se deslocar até à Trindade, os estudantes lotaram ônibus. No evento, estavam presentes, além de Fer-

reira Lima, autoridades militares, o presidente do Tribunal de Contas, o governador Ivo Silveira (eleito ainda por voto universal pela Arena) e reitores. Oportunidade imperdível para que os estudantes expusessem todas as demandas.

Duas siglas não saíram da cabeça nem das bocas dos estudantes organizados nas passeatas: tratava-se de outro acordo bilateral, mas que afetaria todo o país, o MEC-Usaid (Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional), um dos fatores de propulsão da Reforma Educativa no Brasil.

Segundo a Comissão da Verdade, a UFSC era um laboratório para a reforma e o reitor uma referência para o projeto por sua desenvoltura com as finanças. Para Rudolph Atcon, consultor da Usaid, a administração da UFSC era semelhante à de uma instituição privada.

Para os estudantes, o acordo MEC-Usaid era uma das maiores evidências do imperialismo e da ingerência dos Estados Unidos na educação nacional. Uma

das propostas era transformar as universidades brasileiras em fundações e promover o ensino superior pago.

Mesmo com o prestígio, Ferreira Lima não escapou de ser fichado pelo SNI (Serviço Nacional de Informação). Em escritórios localizados pela Comissão da Verdade, as denúncias que envolviam Daux, nepotismo e gastos preocupavam os militares, que cogitaram afastar o reitor. Por fim, as autoridades concluíram que não seria conveniente tirar Ferreira Lima do caminho. Antes, os militares não deixaram de associá-lo ao PCB, como era típico da paranóia contrasubversiva da época.

Deputados do MDB, partido que fazia a oposição à Arena, abriram uma comissão especial na Assembleia Legislativa para investigar o caso. Parte dos deputados chegou a frequentar assembleias estudantis, como Genir Destri, que "fez questão de ter seu nome incluído na organização de uma das comissões, a de Segurança", publicou o jornal "O Estado".



O AI-5, decretado em dezembro de 1968, alguns meses após o congresso de Ibiúna, impôs a paz dos cemitérios."

Marli Auras, historiadora

Ano terminou com vitórias e o AI-5

■ No Conselho Universitário, o professor de Direito Henrique Stodleck, perseguido pela ditadura, pressionou a reitoria por não ter aberto uma concorrência pública para a moradia e não ter consultado o Conselho antes de firmar o contrato. O representante discente era o presidente do DCE, Heitor Bittencourt, vinculado à organização AP (Ação Popular), ao lado de nomes como Derlei Catarina de Luca, uma das mais importantes militantes da causa dos direitos humanos no Estado e ex-presa política que morreu recentemente. Também formavam o DCE militantes do PCB (Partido Comunista Brasileiro).

"O movimento estudantil estava unido", lembra Rosemarie Cardoso, então estudante de Serviço Social. A pressão do estudantado foi tamanha que, em meio à greve, o general Costa e Silva convocou o reitor para tratar da liberação de recursos. Os estudantes foram vitoriosos. Já avançando no mês de junho, a rescisão do contrato com a universidade foi proposta pelo próprio empresário José Carlos Daux, de tradicional família do ramo hoteleiro e da construção civil da Ilha.

Logo depois da greve o movimento iniciou os preparativos para o lendário congresso da UNE em Ibiúna (SP). Em 13 de dezembro, fechando o ano, os militares decretaram o AI-5, o golpe dentro do golpe, que recrudescer a repressão e arrancou mais direitos.

Diário Catarinense e A Notícia Yasmine Holanda Fiorini "Aula sobre vinho"

Aula sobre vinho / Formado em História / UFSC / Gil Karlos Ferri / Anita Garibaldi / Projeto História e Vitivinicultura / Eunice Nodari / História Ambiental / Universidade Federal da Fronteira Sul / Enoturismo



YASMINE
HOLANDA
FIORINI

@yasmine.fiorini@somossc.com.br

revistaversar.com.br

@yasmineholanda

AULA SOBRE vinho

PROFESSOR CATARINENSE TEM PROJETO
INOVADOR QUE LEVA ESTUDANTES DA REDE
ESTADUAL PARA VISITAR AS VINÍCOLAS DA SERRA

Formado em História pela UFSC, o jovem professor Gil Karlos Ferri, de apenas 26 anos, retornou a sua cidade natal, Anita Garibaldi, para apresentar aos alunos do ensino básico a importância das vinícolas para a região serrana. Em parceria com as empresas da Vinho de Altitude – Produtores Associados de Santa Catarina, que recebem os estudantes, ele desenvolve o projeto *História e Vitivinicultura* para ensinar sobre a importância desse mercado para a geração de renda, turismo e desenvolvimento local. Na última terça-feira (22), a garotada também foi pela primeira vez até o IFSC de Urupema para conhecer mais sobre a formação de enólogo. Por telefone, nós batemos um papo sobre o projeto:

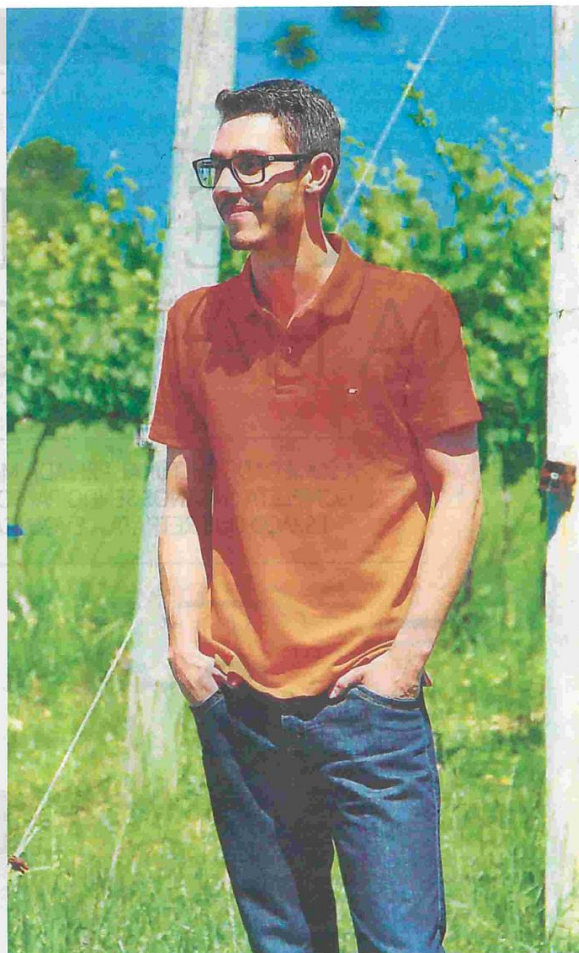
Como você começou a se interessar pela vitivinicultura?

Desde quando fui morar em Florianópolis para estudar, o foco era voltar para minha cidade e realizar um projeto que fizesse a diferença no ensino. Quando optei por História, já tinha a ideia de ser professor. Depois de ter uma bolsa de pesquisa, orientado pela Dra. Eunice Nodari, precursora da *Environmental History* (História Ambiental) em Santa Catarina, tive o *insight* de desenvolver o projeto. Consegui implementá-lo em 2015, quando voltei para cá depois de formado e passei a lecionar na Escola Padre Antônio Vieira, da rede pública estadual. E, sendo de família com origem italiana, o vinho sempre esteve presente na minha história. Meus antepassados produziam vinho colonial para o consumo familiar, e hoje a bebida

continua sendo uma paixão para nós. Alguns parentes ainda produzem vinho de modo artesanal na região de Urussanga.

Você está finalizando o mestrado em História Ambiental pela Universidade Federal da Fronteira Sul. Pretende continuar com o projeto?

Pretendo continuar. Se eu tiver que parar, vai me dar um aperto no coração. Eu estou realizado no ensino com adolescentes. E eu venho acompanhando esse processo desde criança. Eu sou entusiasta da região, tenho orgulho realmente. Quando eu estava em Floripa eu era sempre o serrano nostálgico, o pessoal até ria. Acho que de todos os setores, a vitivinicultura é a principal potência para o futuro. Tivemos pecuária e extrativismo vegetal, e agora a vitivi-



IZABEL GOMES, DIVULGAÇÃO

cultura e o enoturismo. Não temos só o frio, temos a vinícola. Quando você vende isso junto com uma experiência, como se hospedar numa cabana ou participar de uma degustação, é fantástico. Eu acompanho com muito entusiasmo tudo isso.

Como é o interesse dos alunos pelo tema?

Como ainda é algo novo na região, percebi que era esse o momento de trabalhar com eles. E os alunos têm um envolvimento bem bacana. Os empresários e donos das vinícolas os recebem e têm o cuidado de interagir e proporcionar experiência de aprendizado. Mas o objetivo também é incentivar um novo olhar para a região onde eles vivem. Além de conhecer mais sobre o vinho, eles veem o lado do empreendedor, de

pensar diferente a região, que tem um *terroir* único. Ver que pertinho deles têm empresas diferenciadas, de alta tecnologia, e que produzem vinhos de alta qualidade e premiados no Brasil e no mundo. Faz com que pensem em outros campos de atuação para no futuro empreenderem ou trabalharem no setor.

E que retorno você tem dos pais?

Os alunos não bebem, claro, mas tomam suco de uva. Mas é muito legal porque os pais comentam do encantamento. Temos muita sorte porque sempre dá tempo bom, aqui quando tem geada é sinal de céu claro. Já teve excursão com -2°C, no dia mais frio do ano. Fomos recebidos com lareira. Eles adoram porque é uma experiência bem diferente, eles levam cobertores... são adolescentes, né.

Diário Catarinense e A Notícia Caderno Versar

"22 anos de Florianópolis Audiovisual Mercosul"

22 anos de Florianópolis Audiovisual Mercosul / FAM 2018 / Centro de Cultura e Eventos da UFSC / Programação oficial / Fórum Audiovisual Mercosul / Rally Universitário Floripa / Encontro de Coprodução do Mercosul / Mostra Curtas Catarinense / Mostra Curtas Mercosul / Mostra competitiva / Mostra DOC-FAM / Mostra Infantojuvenil / Mostra Convidada Longas Mercosul / Mostra Videoclip



O FAM 2018 ACONTECE ENTRE OS DIAS 19 A 24 DE JUNHO, NO CENTRO DE CULTURA E EVENTOS DA UFSC



A organização do 22º Florianópolis Audiovisual Mercosul lança na próxima segunda-feira a programação oficial do festival que será realizado entre os dias 19 e 24 de junho no Centro de Cultura e Eventos da UFSC.

Consolidado entre um dos mais importantes Festivais da América Latina, o FAM chega em 2018 com uma agenda extensa de atividades. Entre elas, a do Fórum Audiovisual Mercosul, do Rally Universitário Floripa e, destaque também, para o Encontro de Coprodução do Mercosul, que terá a participação de 10 players, entre eles seis canais de televisão: Globo News, Canal Brasil, Canal Fox, Box Brasil, Woohoo e Cine Brasil TV. Além deles, quatro distribuidoras que vem à Florianópolis em busca de projetos de longa-metragem e obras seriadas, de ficção e documental, e claro, das exibições dos filmes nas cinco mostras competitivas: Curtas Catarinense, Curtas Mercosul, DOC-FAM, Infantojuvenil e Videoclip – e mostra convidada Longa Mercosul.

O FAM registrou recorde de inscrições. Foram 791 produções de 10 países. Entre elas, 48 foram selecionadas para o Festival e a novidade é que a Mostra Curta Catarinense será apresentada em todas as noites do FAM com a Mostra Curta Mercosul, sempre com início às

19h. As duas apresentações contam com o mesmo time de jurados e concorrem a um grupo conjunto de premiações técnicas, além de terem prêmios próprios de Melhor Filme do Júri Popular e Melhor Filme do Júri Oficial. Na Mostra Curta Catarinense, 10 filmes participam, a maioria dirigidos por mulheres. Para além da Capital, estão presentes produções de Criciúma e Palhoça.

A Mostra Curta Mercosul aborda diversas temáticas e estilos nos 15 filmes de seis países – Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Paraguai e Uruguai – e sete estados brasileiros: Ceará, Goiás, Mato Grosso, Pernambuco, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro.

As cinco noites de competição terão o acompanhamento musical pela Mostra Videoclip, com 10 obras de sete países. O espaço dedicado ao documentário na Mostra DOC-FAM, sempre às 17h, apresenta cinco filmes e a Infantojuvenil traz exibições que contam fábulas sobre grandes ações de coragem, criatividade e esperança. As escolas podem agendar a participação dos alunos pelo e-mail infantojuvenil@panvision.com.br.

A Mostra Longa Mercosul, sempre às 21h, abre com o longa-metragem brasileiro *Açúcar*, dirigido por Renata Pinheiro e Sérgio Oliveira. Mais informações em www.famdetodos.com.br.

PROGRAMAÇÃO

TERÇA-FEIRA, DIA 19/06

18H30

Abertura

19H

Mostra Curtas Mercosul e Catarinense

- Coral da Ponta, Alan Stone Langdon | Experimental | Brasil - Santa Catarina | 14 min
- O Malabarista, Iuri Moreno | Animação | Brasil - Goiás | 11 min
- Bio, Claudio Servín Rios | Documentário | Paraguai, Argentina, Chile, Colômbia | 15 min
- Garoto VHS, Carlos Daniel Reichel | Ficção | Florianópolis | 20 min
- Par Perfeito, Débora Herling | Ficção | Palhoça | 11 min

QUARTA-FEIRA, DIA 20/06

14H

Mostra Infantojuvenil

- Mica, Sandra Ruth Cagnolo | Ficção | Argentina - Córdoba | 16 min
- A Festa dos Encantados, Missonori Oshasty | Animação | Brasil - Distrito Federal | 13 min
- Arraigo, Maria Laura Reina | Ficção | Venezuela - Mérida | 7 min
- Luiz, Alexandre Estevanato | Ficção | Brasil - São Paulo | 16 min

17H

Mostra DOC

- Cidades Fantasmagoras, Tyrell Spencer | Brasil - Rio Grande do Sul | 70 min

19H

Mostra Curtas Mercosul e Catarinense

- Casa Cheia, Carlos Nigro | Ficção | Brasil - Pernambuco | 14 min
- Real Conquista, Fabiana Assis | Documentário | Brasil - Goiás | 15 min
- La fiebre que espera despertar, Juan Bobbio | Ficção | Argentina - Córdoba | 15 min
- mOT, Andrew Kastenmeier | Ficção | Florianópolis | 21 min
- Volcano, Nataly Callal | Ficção | Florianópolis | 10 min

QUINTA-FEIRA, DIA 21/06

9H

Mostra Infantojuvenil

- Mica, Sandra Ruth Cagnolo | Ficção | Argentina - Córdoba | 16 min
- A Festa dos Encantados, Missonori Oshasty | Animação | Brasil - Distrito Federal | 13 min
- Arraigo, Maria Laura Reina | Ficção | Venezuela - Mérida | 7 min
- Luiz, Alexandre Estevanato | Ficção | Brasil - São Paulo | 16 min

14H

Mostra Infantojuvenil

- O Menino Leão e a Menina Coruja, Renan Montenegro | Ficção | Brasil - Distrito Federal | 16 min
- Pirilampo, Carlos Avalone | Animação | Brasil - São Paulo | 15 min
- Médico de Monstro, Gustavo Teixeira | Ficção | Brasil - São Paulo | 11 min
- Vento, Betânia Vargas Furtado | Animação | Brasil - Rio Grande do Sul | 14 min

17H

Mostra DOC-FAM

- Orione, Toia Bonino | Argentina - Buenos Aires | 67 min

19H

Mostra Curtas Mercosul e Catarinense

- Boca de Fogo, Luciano Pérez Fernández | Documentário | Brasil - Rio de Janeiro | 9 min
- A Gente Nasce só de Mãe, Caru Roellis | Ficção | Brasil - Mato Grosso | 18 min
- Fu, Maria Rojas e Andrés Jurado | Experimental | Colômbia - Cundinamarca | 8 min
- Berro, Paula Barbabla e Marina Simões | Documentário | Florianópolis | 18 min
- O Outro Lado: A Sinfonia de Eric Pahn, Rodrigo Araujo e Thiago L. Soares | Ficção | Florianópolis | 18 min

SEXTA-FEIRA, DIA 22/06

9H

Mostra Infantojuvenil

- O Menino Leão e a Menina Coruja, Renan Montenegro | Ficção | Brasil - Distrito Federal | 16 min
- Pirilampo, Carlos Avalone | Animação | Brasil - São Paulo | 15 min
- Médico de Monstro, Gustavo Teixeira | Ficção | Brasil - São Paulo | 11 min
- Vento, Betânia Vargas Furtado | Animação | Brasil - Rio Grande do Sul | 14 min

17H

Mostra DOC-FAM

- Marambré, André dos Santos | Brasil - Pará | 80 min

19H

Mostra Curtas Mercosul e Catarinense

- Cumboros, Beatriz Pessoa e Guilherme Andrade | Ficção | Brasil - São Paulo | 17 min
- Antônia, Miguel Aguiar | Ficção | Paraguai - Assunção | 7 min
- Guiana Francesa, Olavo Junior e Edmilson Filho | Ficção | Brasil - Ceará | 19 min
- Domingos Bugreiro, Sander Hahn | Ficção | Criciúma | 19 min
- Flecha Dourada, Cintia Domit Bittar | Documentário | Florianópolis | 15 min

SÁBADO, DIA 23/06

14H30

Sessão RECAM

- Guarnieri, Francisco Guarnieri | Brasil - São Paulo | 72 min
- *Filme vencedor do prêmio de acessibilidade (cópia acessível LSE e Audiodescrição) oferecido pela RECAM no FAM 2017

17H

Mostra DOC-FAM

- Desarruivando Alice Gonzaga, Betse de Paula | Brasil - Rio de Janeiro | 82 min

19H

Mostra Curtas Catarinense e Mercosul

- Torre, Nádia Mangolini | Documentário | Brasil - São Paulo | 18 min
- Las dos, Emiliano Umpierrez | Ficção | Uruguai - Montevideo | 5 min
- Intervenção, Isaac Brum Souza | Ficção | Brasil - Goiás | 18 min
- Atos (título provisório), Beatriz Kesting, Tramontini | Experimental | Palhoça | 11 min
- Severo Severino, Kátia Köck e Marco Martins | Documentário | Florianópolis | 18 min

A programação completa será lançada nesta segunda-feira, dia 28, no site www.famdetodos.com.br

Diário Catarinense e A Notícia

Reportagem Especial

"Mais problemas nas regiões"

Mais problemas nas regiões / Greve dos caminhões / Combustível / Transporte coletivo / Leite / Chapecó / Polícia Militar / Situação de emergência / Agroindústria / Animais / Educação / Lages / Sistema de ensino / Aulas suspensas / Saúde / Ceasa / Supermercados / Joinville / Central de Abastecimento / Bloqueios nas estradas / Portos / Criciúma / Agronegócio / Araranguá / Tubarão / Aeroporto / Apoio popular / Paralisação dos caminhoneiros / Vale do Itajaí / Indaial / Blumenau / São Francisco do Sul / Itapoá / Fundação Pró-Rim / Hemodiálise / Transporte público / Coleta de lixo / Etanol / Diesel / Gasolina / Segurança pública / Corpo de Bombeiros / Defesa Civil / Porto de Itajaí / Grande Florianópolis / Hospital Universitário / UFSC / Medicamentos

REPORTAGEM ESPECIAL

MAIS PROBLEMAS NAS REGIÕES

A MANUTENÇÃO DA GREVE DOS CAMINHÕES continua afetando serviços essenciais dos catarinenses. Várias cidades registram falta de combustível, limitação do transporte coletivo e escolas com aulas prejudicadas. Confira a situação

NORTE

Ceasa ficará fechada durante este sábado

Supermercados: segundo a prefeitura de Joinville, a Central de Abastecimento (Ceasa) estará fechada sábado devido à restrição de fornecimento de alimentos. Nesta sexta-feira, a redução do atendimento foi intensificada em consequência dos bloqueios nas estradas. A retomada do serviço será feita com o fim da paralisação do setor de transporte.

Combustível: cerca de 90% dos postos de combustíveis de Joinville estão sem gasolina comum. Como reflexo, poucos carros circulavam pelas ruas da cidade.

Portos: ainda não avaliam prejuízos e afirmam que não é possível fazer um levantamento do impacto financeiro dos operadores portuários. Desde quarta-feira, nenhum caminhão chegou ao acesso

OESTE



Em Xaxim, no Oeste catarinense, produtores também tiveram de descartar leite na sexta-feira

Leite jogado fora e sacrifício de pintinhos

Combustível: em Chapecó ainda não há restrição de fornecimento de combustível, no entanto o município vai ceder combustível aos veículos de segurança da Polícia Militar em caso de necessidade. A cidade decretou situação de emergência por conta dos impactos da greve.

Agroindústria: a situação se agrava a cada dia no campo, onde já há sacrifício de pintinhos que não podem ser transportados, leite jogado fora pois não pode ser recolhido e racionamento de comida para os animais. Cerca de 50 indústrias, que empregam cerca de 15 mil pessoas, estão parando e sete milhões de litros de leite por dia serão jogados fora. Alguns produtores estão descartando leite desde quarta-feira.

SERRA

Combustível quase no fim

Educação: em Lages todo o sistema de ensino teve as aulas suspensas, desde a educação infantil até o ensino fundamental. O decreto foi expedido na sexta-feira, determinando o cancelamento das aulas na próxima segunda-feira, quando a situação será reavaliada. Entre os transtornos que levam a prefeitura a tomar essa decisão estão o desabastecimento de postos de combustíveis, distribuição de gás e o não forneci-

mento de itens para a merenda escolar.

Saúde: hospitais da região de Lages possuem oxigênio para mais uma semana. Não há falta de medicamentos por enquanto e os que estavam em transporte foram liberados para entrega.

Combustível: até esta sexta-feira, 95% dos postos da cidade já não tinham mais combustível.

SUL

Postos e ruas vazios em Criciúma

Combustível: os postos continuam vazios e o movimento de carros nas ruas diminuiu. Os poucos estabelecimentos que abrem as portas esgotam o estoque de combustível rápido.

Supermercado: alguns supermercados, inclusive atacadistas, decidiram limitar a oferta de produtos por cliente. A prática recebeu o aval do Procon de Santa Catarina. Todos os municípios do Sul reduziram os serviços que dependem de combustível ou de insumos trazidos por rodovias.

Agronegócio: os produtores de aves e suínos no Sul estão desesperados com a falta de insumos para alimentar os animais, já que os produtos não estão chegando por causa da paralisação nacional dos caminhoneiros. Juntas, as regiões de Araranguá, Criciúma e Tubarão produzem anualmente mais de 900 mil cabeças de suínos (principalmente em Braço do Norte) e 117 milhões de frangos (com produção bastante distribuída entre vários municípios).

Aeroporto: o Aeroporto Regional Humberto Ghizzo Bortoluzzi, em Jaguaruna, informou que só dispõe de combustível para os aviões para a tarde desta sexta-feira. A RDL Aeroportos, que administra a unidade, espera a chegada de uma carga para dar continuidade às atividades a partir de domingo (não há voos comerciais aos sábados no aeroporto). Duas companhias aéreas operam no aeroporto de Jaguaruna: Latam e Azul. Ambas ofereceram voos diários para São Paulo.

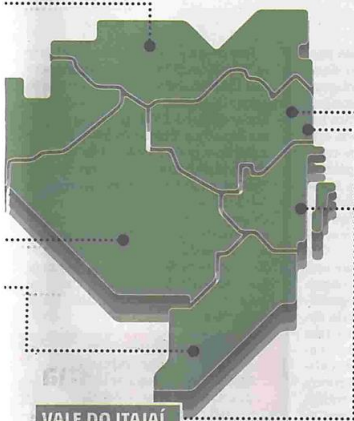
REPORTAGEM: ADRIANO LINS, AUGUSTO ITTNER, DARCI DEBOHA, DAYANE BAZZO, EDUARDA DEMENECK, GABRIELA FLORÊNCIO, GABRIEL LIMA, JEAN LAURINDO, LARISSA NEUMANN, LUCAS PARAIZO, MARCUS BRUNO, RAFAEL THOMÉ, RENAN MEDEIROS E TALITA CATIE

aos portos de São Francisco do Sul e Itapoá. Até a tarde desta sexta, as unidades portuárias continuavam em operação porque há armazenamento de cargas para serem embarcadas, da mesma forma que algumas cargas que podem ficar no porto

Saúde: a Fundação Pró-Rim informa que, se a paralisação persistir pelos próximos dias haverá falta de produtos essenciais para a realização de hemodiálise. No Hospital Bethesda, o atendimento está normal, mas há preocupação porque o gás pode acabar no sábado. Isso impactaria nos atendimentos. Já no Hospital Unimed, cirurgias eletivas estão mantidas. Postos de coleta dos laboratórios da Unimed estarão fechados

Transporte público: os ônibus têm combustível para circular e operar normalmente nos próximos dias em Joinville.

Coleta de lixo: a empresa Ambiental, concessionária que realiza a coleta de lixo, utiliza alternativas para manter os estoques de combustível, que devem durar até segunda-feira. Portanto, o serviço poderá sofrer restrições nos próximos dias. A empresa orienta aos moradores a não colocar os lixos nas calçadas durante este período de paralisação para evitar acúmulo do material em áreas públicas



VALE DO ITAJAÍ

Em muitos pontos, restam etanol e diesel

Combustível: o estoque de gasolina dos postos de combustíveis em Blumenau terminou completamente já na quinta-feira à tarde, segundo o Sindicato do Comércio Varejista de derivados de Petróleo de Blumenau (Sinpeb). No entanto, alguns postos no município ainda conseguiram disponibilizar etanol e diesel na manhã desta sexta-feira

Serviços de saúde: devem continuar atendendo normalmente, pois a prefeitura conseguiu reservar uma cota de combustível para atendimentos de emergência

Segurança pública: Polícia Militar e Corpo de Bombeiros informaram que têm gasolina até segunda-feira

Defesa Civil: anunciou que não está mais fazendo vistorias e irá para a rua apenas para atender ocorrências. O mesmo ocorre na equipe do Desenvolvimento Social e outras pastas que trabalham com fiscalização

Coleta de lixo: ocorre normalmente, ao menos, até este domingo

Transporte coletivo: operação da frota terá paralisação total sábado entre 4h30min e 6h. No domingo, não haverá transporte coletivo



No Porto de Itajaí, embarques foram prejudicados e espaço de armazenagem pode lotar até domingo

LITORAL NORTE

Porto em alerta e aulas suspensas em Balneário

Porto: se a situação não mudar, a expectativa da superintendência é de que no domingo à noite o espaço de armazenagem fique lotado. Não há risco de perder os produtos parados no pátio pois as cargas são refrigeradas

Combustível: em Balneário Camboriú a prefeitura informou que conseguiu adquirir 30 mil litros de combustível - 25 mil litros de gasolina e 5 mil litros de diesel para abastecer a frota da

saúde, educação e segurança.

Educação: em Balneário Camboriú as aulas da rede municipal de segunda-feira foram suspensas. No começo da semana, uma nova avaliação será feita. Segunda a prefeitura, os pais e responsáveis já foram avisados sobre a decisão, que foi tomada por conta da dificuldade de locomoção dos funcionários e do desabastecimento de frutas e verduras nas unidades.

GRANDE FLORIANÓPOLIS

Ônibus cheios e em horário reduzido

Transporte coletivo: em Florianópolis os ônibus operam com horários reduzidos na esperança de conseguir garantir combustível para a frota circular até o fim de semana. Nesta sexta-feira os horários foram os de sábado e no sábado os horários serão os de domingo. Domingo haverá circulação na tabela normal de domingo. Na tarde de sexta-feira a prefeitura de Florianópolis se mobilizou e conseguiu negociar o abastecimento de combustível para saúde e segurança. A coleta de lixo, que só operou em 30% da capacidade ao longo do dia, deveria ter o serviço normalizado ainda durante a noite

Educação: houve algumas alterações no atendimento de unidades de ensino infantil. Na Creche Municipal Almirante Lucas Alexandre Boiteux, no Centro, as 275 crianças foram dispensadas por conta da falta de gás. O motivo foi o mesmo que levou à suspensão do atendimento na Creche Joel Rogério de Freitas, no Monte Cristo, após o meio-dia. As demais unidades funcionam normalmente

Saúde: nesta sexta-feira há apenas a suspensão das cirurgias eletivas nos hospitais do Estado, sendo que os casos de urgência e emergência seguem recebendo atendimento nos hospitais da região. O Hospital Universitário da UFSC também orienta que os pacientes com consultas marcadas não compareçam ao local, já que os agendamentos serão remarcados



Terminais de ônibus da Capital tiveram filas em função de o transporte coletivo ter operado em escala de sábado

Combustível: após o desabastecimento praticamente total de combustível na Grande Florianópolis, dois caminhões conseguiram reabastecer postos na Avenida Mauro Ramos, na Capital, e na Avenida Presidente Kennedy, em São José. As longas filas voltaram a se repetir, e o trânsito seguiu até a Avenida Beira-Mar Norte. Com exceção desses dois casos, quase todos os postos sequer abriram nesta sexta

Farmácias: a reposição de medicamentos, em especial aos chamados "medicamentos de geladeira", já preocupa os empresários. Apesar de boa parte das farmácias ainda ter estoque para reposição, na Lagoa da Conceição, por exemplo, a gerente de uma unidade de uma grande rede de farmácias alerta para a falta de alguns tipos de insulina

Aeroportos: conforme a Flóripa Airport, a reserva de combustível do Aeroporto de Florianópolis deve se encerrar até o início da tarde de sábado. Até sexta-feira à noite, não havia previsão de chegada de carregamentos de combustível no aeroporto

Diário Catarinense e A Notícia
Artigo
"Joinville internacional"

Joinville internacional / Vinicius Lummertz / Ministro do Turismo /

ARTIGO

JOINVILLE INTERNACIONAL



VINICIUS LUMMERTZ
ministro do Turismo

Quando Luiz Henrique da Silveira assumiu a prefeitura de Joinville pela segunda vez, em 1997, não só a cidade, mas também o Estado, não passavam de uma província diante do mundo. Visionário e cosmopolita, o ex-ministro da Ciência e Tecnologia (1987/88) enxergou que o futuro estava na internacionalização da economia, com a abertura de portos e aeroportos, a duplicação das estradas, um plano de turismo para um território vocacionado e a implantação de uma política de incentivos à exportação e à importação.

Deu certo. Em 1997, exportamos o equivalente a 2,8 bilhões de dólares e importamos 1,4 bilhão de dólares. Só nos quatro primeiros meses de 2018, segundo a Fiesc, foram 2,7 bilhões de dólares em exportações e 4,9 bilhões de dólares em importações.

LHS começou a nos ensinar a lição de Joinville, fazendo a descentralização administrativa nos bairros. Vinte anos depois, a cidade é uma realidade internacional. A Associação Empresarial (Acij) informa que um terço das médias e grandes empresas são multinacionais. Dos 5 mil colaboradores das 140 empresas instaladas no Perini Business Park, o maior condomínio multissetorial do Brasil, quase 40% são estrangeiros.

A proximidade de seis portos, quatro aeroportos, da malha ferroviária; a BR-101 à porta, a vizinhança com duas universidades – Udesc e Univille – e de um campus de engenharia da UFSC fazem do condomínio, da cidade e da região um *hub* estratégico internacional. Neste cenário, encontramos empresas como a Embraco (compressores), a Tigre, a Tupy, a Whirlpool ou a GM.

Diretores, executivos e técnicos das dezenas de multinacionais do corredor industrial da BR-101 Norte – da BMW (Araquari), da Cebrace (Barra Velha), da Takata (Piçarras), da LS tratores (Garuva), da Hyosung (Araquari) – moram em Joinville, que tem hoje escolas internacionais. Esse contingente tem como rotina viagens ao Exterior para feiras e reuniões de negócios. Devemos lembrar que a cidade abriga a única escola do Balé Bolshoi fora da Rússia.

As políticas de incentivo às exportações e importações catarinenses se tornaram realidade. Joinville soube aproveitar melhor dessa abertura para o mundo.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

26/05/2018

[Novo inoculante promete ganho de 54% na produção de milho](#)

[Udesc divulga locais de prova do Vestibular de Inverno 2018](#)

[Professor de Florianópolis ostenta acervo valioso de artigos relacionados à cultura russa](#)

[Fundadora da Nugali, de Pomerode, faz dos obstáculos a motivação para empreender](#)

[Arquitetura e Urbanismo da URI premia vencedores de concurso](#)

[Atletas mostram como venceram adversidades para disputar o Ironman](#)

27/05/2018

[USP, Unicamp e mais oito universidades suspendem aulas](#)

[Faltas de professores e alunos nas escolas estaduais serão desconsideradas](#)

[Faltas de professores e alunos nas escolas estaduais não serão consideradas](#)

[UFSC cancela aulas da graduação e pós-graduação de todos os campi nesta segunda-feira](#)

[UFSC recebe mais de dois mil pesquisadores em Congresso Internacional de Antropologia em julho](#)

[Maio de 1968: estudantes da UFSC, em Florianópolis, confrontaram reitoria e foram as ruas](#)

[Ônibus, escolas e postos de combustíveis: veja como ficam os serviços nesta segunda-feira](#)

[Protesto dos caminhoneiros em SC chega ao 7º dia com manifestações](#)

[Greve dos caminhoneiros cancela aulas em universidades públicas](#)

[Serviços públicos, transporte, comércio... O que funciona em Blumenau nesta segunda-feira](#)

[Escolas, creches e faculdades estarão fechadas segunda-feira em Balneário Camboriú](#)

[ATENÇÃO: Cancelado o Fórum Brasilianas sobre Educação e tecnologia da UFRGS](#)

[Aluno de Florianópolis é selecionado para programa nacional de empreendedorismo](#)